

Artigo recebido em:

30.05.2017

Aprovado em:

30.10.2017

Rejane de Oliveira
Pozobon

Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Política UFSM/CNPq.

E-mail: rejanepozobon@gmail.com.

Cristiano Magrini
Rodrigues

Jornalista. Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

E-mail:

cristiano.magrinirodrigues@gmail.com.

Jornalismo político em Zero Hora: o enquadramento das fontes sobre o governo Sartori

Rejane de Oliveira Pozobon
Cristiano Magrini Rodrigues

Resumo

A característica do jornalismo político, estruturado no conflito, leva a crer que a disputa de forças se dá a todo o momento e em todas as instâncias. Esse processo envolve uma complexa rede de interesses que dão à notícia relevante peso político. O presente artigo discute a cobertura política em veículo impresso sob o viés dos estudos de enquadramentos (GAMSON; MODIGLIANI, 1989; GAMSON; LASCH, 1980; VIMIEIRO; MAIA, 2011) e da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). O texto é um recorte que apresenta os resultados da dissertação “Enquadramentos jornalísticos do Governo Sartori: a seleção das fontes em *Zero Hora*”. Os aspectos da realidade destacados pelos *frames* compõem 17 principais pacotes que condensam os enquadramentos de 2015 de modo polarizado, com predominância de enquadramentos de contestação ao governo frente aos de reforço à administração. Em relação às fontes, os dados demonstram a dicotomia entre o governo e os servidores, indicando que a principal disputa política no Estado, naquele ano, foi entre a administração pública e o funcionalismo estadual.

Palavra-chave: Enquadramento jornalístico. Fontes jornalísticas. *Jornal Zero Hora*.

Abstract

The characteristic of political journalism, structured in the conflict, leads to believe that the struggle of forces occurs at all the time and in all the instances. This process involves a complex network of interests that give the news relevant political weight. This paper discusses the political news coverage in print publications from the perspective of frameworks studies (GAMSON; MODIGLIANI, 1989; GAMSON; LASCH, 1980; VIMIEIRO; MAIA, 2011) and Content Analysis (BARDIN, 2011). The text is a part that shows the results of the master's thesis “News frameworks of Sartori's Government: the selection of sources in the newspaper *Zero Hora*”. The aspects of reality highlighted by the frames compose 17 main packages that synthesizes the frameworks of 2015 in a polarized way, with predominance of contestation frames versus reinforcement frames of the government. Regarding the sources, the data demonstrates the dichotomy between the government and the civil servants, indicating that the main political dispute in the State that year was between the public administration and their functionaries.

Keywords: News framing. Journalistic sources. *Zero Hora* Newspaper.

¹Em 2015, Sartori assumiu o Estado em dificuldades financeiras e as ações do governo para driblar as despesas foram pauta constante nos veículos de comunicação gaúchos devido ao caráter pouco popular das medidas, sobretudo, nas camadas do funcionalismo e do empresariado. O anúncio de parcelamento de salário dos servidores estaduais – acontecimento até então extraordinário, mas que se tornou uma manobra frequente do Executivo gaúcho nos anos seguintes – bem como a suspensão do pagamento de fornecedores e as alterações na Lei de Responsabilidade Fiscal são alguns exemplos do que atingiu o status de notícia na imprensa, naquele ano, e oferecem matéria-prima para a busca dos enquadramentos aqui relatados.

²A edição do feriado de 25 de dezembro foi publicada em conjunto com a edição do dia 24.

³Observa-se que, sendo o jornalismo uma instituição política, para Cook (2011, p. 203), os jornalistas são atores políticos. Porém, para a clareza do texto, tratam-se pelo termo “atores políticos” aqueles ligados às atividades no campo da política, em posição de fonte, em oposto aos jornalistas.

⁴A lógica dos campos de Bourdieu (2011; 2010; 1994; 1974) permite compreender as disputas por capital simbólico travadas nessas esferas da sociedade e os valores provenientes dela que são distribuídos pela imprensa. A relação entre habitus e campo se dá de forma que um está condicionado ao outro: o habitus é compreendido como produto da filiação social, estrutura-se em relação a um campo, [...]

A partir das perspectivas dos estudos de enquadramentos jornalísticos (frame analysis) mais recentes, compreendem-se os frames como pedaços de informação que fazem algumas ideias do texto mais salientes que outras, dependendo da colocação, da repetição ou da associação a elementos culturais. No jornalismo político, a credibilidade na pessoa do jornalista permite ao profissional tanto refletir quanto criar a importância e certificar a autoridade das suas fontes. Isso se dá no momento da decisão sobre “quem deve falar sobre o que e em que circunstâncias” (COOK, 2011, p. 206). Portanto, na construção de textos que retratam o cenário político, é determinante para o produto final não somente a técnica dos profissionais da imprensa, como, também, os fornecedores de dados. Em meio a diversos outros constrangimentos, os enquadramentos são resultado das negociações entre esses dois grupos.

Tomando como contexto a cobertura jornalística do tabloide *Zero Hora* – jornal de maior circulação no Rio Grande do Sul – sobre primeiro ano da gestão do governador gaúcho José Ivo Sartori (PMDB)¹, busca-se identificar os enquadramentos oferecidos pelo impresso. A resposta é dada a partir da aplicação de um método de pesquisa que vem se consolidando na área de estudos de mídia e política: o *frame analysis*.

Delimita-se o conteúdo analisado nas citações diretas identificadas nas matérias publicadas nas 364 edições² impressas do jornal, em 2015. Isso porque se acredita na influência da palavra da fonte na construção dos quadros propagados midiaticamente. Trabalham-se as particularidades do jornalismo político, especialidade pela qual os acontecimentos são compreendidos neste trabalho e questão fundamental para se perceber a circulação das fontes de informação em pautas que tratam do exercício de um governo. Em seguida, introduz-se a problemática dos estudos de enquadramentos sobre os quais está construída a análise.

Sob o viés de Gamson e Lasch (1980) e Gamson e Modigliani (1989), a *frame analysis* aqui empregada indica a presença de 17 principais enquadramentos de *Zero Hora* sobre governo Sartori. Eles são percebidos no modelo de pacotes interpretativos e aparecem de forma polarizada, com predominância dos enquadramentos de contestação frente aos de reforço ao governo. É desta maneira que a gestão é apresentada aos leitores. Por sua vez, o público se utilizará destes *frames* para a construção de seus próprios significados a respeito do tema, mesclando as suas histórias de vida, as suas predisposições psicológicas e outros entendimentos resultantes das suas interações sociais aos enquadramentos do jornal.

Jornalismo político e suas fontes

O jornalismo detém a decisão final sobre o que será publicado. A realidade, indica Entman (1993), terá aspectos ressaltados e ocultados a partir dos enquadramentos. No jornalismo político, principal meio de entrada dos atores³ do campo político na imprensa, isso se dá em parte pelos agentes que atingem posição de fala devido ao disputado poder político que detêm dentro do campo jornalístico⁴.

Conforme Miguel (2002), o patamar atingido pelos meios de comunicação perante a sociedade, no último século, modificou o ambiente político de forma que não somente esses meios tiveram de aprender a retratar esse cenário como, também, os políticos precisaram descobrir de que forma eles poderiam ser úteis à imprensa. Isso porque a mídia é um instrumento fundamental de propagação de ideologias e projetos políticos, ainda que essas representações do mundo social tragam, com restrição de pluralidade, os interesses de grupos específicos da sociedade (MIGUEL, 2002). Ou seja, de acordo com a análise de Cook (2011, p. 206) sobre o jornalismo político, “o noticiário é necessariamente seletivo”. Isso aproxima ainda mais o jornalismo da política, pois, se a política é relativa ao ato de escolhas e distribuição de valores

à sociedade, o jornalismo, ao agir na imposição de valores, seja por reforço ou por contestação, exercendo pressões sobre grupos de interesse, assemelha-se a uma instituição política tal como são os partidos (COOK, 2011). Ainda conforme este autor, a notícia é uma reelaboração de ações, eventos e declarações produzida em conjunto pelos jornalistas e fontes num contexto de obsessão do jornalismo e da política por questões oportunas, concisas, facilmente descritíveis e carregadas de dramaticidade. O imperativo do jornalismo, e isso inclui o jornalismo político, é contar histórias. Elas devem fazer parte de uma narrativa aparentemente neutra, mas que é, na realidade, sujeita a valores de produção que facilitam a publicidade de alguns tipos de informações em detrimento de outros e cuja história deve ter protagonistas, antagonistas e atuações que encaminham para um novo episódio.

A narrativa, estruturada no conflito, transpõe a dualidade do campo político para o espaço jornalístico. Afirmam Motta e Guazina (2010, p. 146) que esse conflito não é criado pelo jornalismo, “ele é inerente ao jogo político”, no entanto, “linguagem jornalística se apropria dos elementos do jogo político e os categoriza, especialmente nos momentos de tensão”. O enredo tem como protagonistas os profissionais da imprensa e as fontes jornalísticas, ambos responsáveis pela definição de enquadramentos. O padrão está em uma série de acontecimentos que apresentem conflitos e soluções momentâneas que remontam a uma organização dos relatos como episódios de uma história cujo enredo completo é tão complexo quanto pouco trabalhado no jornal diário.

No jogo de forças que permeia as atividades política e jornalística, é impossível negligenciar a influência que elas exercem entre si. Pela natureza desse contato, Cook (2011) diz que o jornalismo deve ser considerado uma instituição política e mais: pela lógica de dependência parcial entre jornalistas e fontes, o jornalismo é, também, parte do governo porque, a partir das suas estratégias, consegue exercer alguma influência no setor do poder. Tal perspectiva é reforçada pela afirmação de Bourdieu (2011) de que uma das transformações mais importantes da política desde a década de 1980 se deve à ascensão dos jornalistas dentro do campo político. Se antes eram considerados espectadores, os jornalistas, agora, são percebidos como agentes em primeira pessoa deste campo.

Considerando a complexa trama de interesses que permeia esse processo, diz-se que mais do que relatar acontecimentos, as notícias contêm considerável relevância política. Nesse contexto, o papel da imprensa ganha destaque ao conceder a possibilidade de um agente do campo político ser conhecido e reconhecido diante de um grande público. A notoriedade a partir da mídia tem peso que se reflete no campo da política pela relação direta com o aumento de capital político de um agente. Por isso, a possibilidade de oferecer um enquadramento dentro de uma notícia confere notoriedade à fonte. Dado o caráter onipresente da política na contemporaneidade, a ação do jornalismo sobre a política interfere difusamente nas mais diversas esferas da sociedade. Tais características, entre tantas outras, são fundamentais para se distinguir o jornalismo político dos demais tipos de fazer jornalismo.

Esse trabalho está focado na análise das citações das fontes jornalísticas no jornal *Zero Hora*. Elas são compreendidas como atores políticos porque exercitam a interação política nos termos de Cook (2011), ou seja, um tipo de interação orientada ao compartilhamento de valores na sociedade. Dito de outra forma, porque se manifestam com relativa relevância sobre as situações observadas no campo político. Conforme Cook (2011, p. 205-240 passim), o jornalismo é “parcialmente independente e parcialmente dependente de outras instituições para cumprir a sua própria tarefa”, ou seja, ele é “parcialmente independente de suas fontes na produção do conteúdo das notícias”, por isso, de modo genérico, a notícia é uma coprodução das fontes e dos jornalistas. A aparição das fontes numa matéria jornalística é resultado de uma série de condicionantes que vão desde escolhas a imposições, produtos de

⁴[...] sendo que cada campo é caracterizado por agentes dotados de um habitus idêntico, o que garante a coerência entre a sua concepção de sociedade e a do agente social individual, agindo tal qual mediador entre o indivíduo e o coletivo. Nesse sentido, pode-se dizer que os agentes fazem escolhas, mas estas escolhas são orientadas pelo habitus (BONNEWITZ, 2003).

constrangimentos gestados no interior de um *habitus* que atravessa os diferentes atores da instância de informação.

Para fins de sistematização, adota-se uma classificação de fontes a partir da literatura de Lage (2002) e Santos (2003). As classificações desses autores se assemelham em diversos pontos, por isso, a proposta é de uma sistematização geral com três grupos principais. Dois desses grupos subdividem-se em outras duas categorias cada: *oficiais*, *regulares (independentes e experts)* e *ocasionais (oficiosas e testemunhas)*⁵. Essa proposta não apenas simplifica uma classificação e abarca os tipos mais recorrentes de fontes presentes nas reportagens ligadas à política como, também, dinamiza o processo de classificação para uma análise mais clara.

Numa reflexão a partir de Cook (2011), no jornalismo político, as fontes estarão mais presentes nas notícias quanto mais perto estiverem do patamar de *oficiais*. A valorização dada pela mídia aos atores de mais prestígio, que estão mais próximos a instituições políticas ou sociais contrasta com as questões defendidas por ativistas não oficiais, deixados à margem dos noticiários. O acesso é facilitado no extremo oficial e quanto mais afastados desse ponto, mais os outros grupos necessitam de estratégias para garantirem uma citação nas notícias:

Alguém num papel oficial na hierarquia do governo tende a dotar a informação com a credibilidade de sua posição na hierarquia e/ou com seu desenvolvimento no processo de tomada de decisão; essa mesma pessoa fora dessa posição dizendo a mesma coisa seria vista como se estivesse fazendo uma especulação ou espalhando um boato (COOK, 2011, p. 219).

A identificação das fontes adquire importância frente ao contexto de campos que se relacionam, disputam e tentam imposição uns sobre os outros. Concomitantemente, está a noção de que as fontes são figuras essenciais na forma como *Zero Hora* enquadra o governo Sartori.

Observando o jornalismo e a política, Charaudeau (2015a) afirma que os profissionais da imprensa estão cientes das pressões e tentativas de manipulação por parte do poder político; da mesma forma, o poder político tem conhecimento dessa clareza por parte dos jornalistas. Os resultados do jogo entre esses dois grupos são os *frames* apresentados nesse trabalho, encontrados na tentativa de compreender a relação entre fontes e enquadramentos jornalísticos.

Frame analysis aplicada aos estudos de jornalismo político

As pesquisas acerca dos enquadramentos começaram a ser aprimoradas por Goffman em *Frame Analysis: an essay on the organization of the experience* (1974) e, desde então, passaram a ter aplicação em diversas áreas das ciências sociais e humanas. Conforme Porto (2004), é atribuída a essa obra a primeira articulação teórica mais sistemática do conceito, pela qual os quadros são percebidos como marcos interpretativos que dão sentido aos eventos e às situações sociais.

No jornalismo, os estudos sobre enquadramentos têm a primeira aplicação de maior expoente com Tuchman, em *Making News* (1978). No texto, a socióloga afirma que a pretensão das notícias é nos dar aquilo que queremos, necessitamos e devemos saber. Para além, Tuchman considera o *frame* um componente obrigatório do jornalista para narrar um acontecimento de forma noticiosamente viável, pois “sem o *frame* seriam apenas *happenings* ou apenas conversa. [...] Com o *frame*, as “estórias” oferecem definições da realidade social” (TUCHMAN, 1976 in TRAQUINA, 1993, p. 259-261). As principais críticas ao trabalho de Tuchman indicam a falta

⁵As fontes oficiais são representadas pelo governo e por instituições de caráter governamental. As fontes regulares são aquelas que os jornalistas recorrem quando precisam abordar determinado tema e podem ser divididas em independentes (organizações não-governamentais e sindicatos, por exemplo) e experts, isto é, especialistas detentores de conhecimentos específicos que permitem complementar as interpretações sobre as notícias (cientistas, ecnomistas etc). As fontes ocasionais, separadas em oficiosas e testemunhas compreendem, respectivamente, aquelas ligadas a uma entidade ou indivíduo, mas que não têm autorização para se pronunciarem em nome deles e aquelas que, a partir de relatos de experiência pessoal e na memória de curto prazo, ilustram as matérias jornalísticas.

de uma metodologia bem como a ausência de uma aplicação do conceito. É nesse ponto que os trabalhos posteriores que retratam o estudo de mídias e, mais a fundo, do jornalismo, buscaram aprofundamento.

Com o mapeamento e a definição dos enquadramentos da mídia descritos em *The Whole World is Watching*, Gitlin (1980) sugere que padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação; e de seleção, ênfase e exclusão proporcionam aos jornalistas recursos para que consigam processar grande quantidade de dados. Dessa forma, as informações podem ser mais rapidamente alocadas em categorias cognitivas e empacotadas para transmissão de modo eficiente às audiências. Como indicam McLeod e Detenber (1999), é nesse sentido que o enquadramento noticioso é uma das características mais importantes da notícia, por um lado, devido à orientação do jornalista na escolha de fatos, citações e outros elementos constitutivos da história a ser contada; por outro, pela orientação das interpretações a serem assimiladas pela audiência.

A partir da tendência contemporânea de que a *frame analysis* deve ser encarada como um programa de pesquisa⁶, Porto (2004) explica que uma definição única e abrangente que contemple todos os aspectos discutidos nos estudos sobre enquadramentos é vista com descrédito. Inclusive, o autor sugere que algo assim sequer é desejável. Por isso, pesquisas mais recentes abordam os *frames* a partir de filiações.

Considerando a variedade de estudos desenvolvidos sob o conceito amplo de *frame analysis* e a necessária filiação a uma das ramificações das pesquisas de enquadramento, recorre-se, na presente análise, ao que já desenvolveram Gamson e Lasch (1980) e Gamson e Modigliani (1989). A proposta desses pesquisadores indica que existem pacotes interpretativos que auxiliam na síntese dos enquadramentos retirados do texto. Esse método de análise é operacionalizado por meio de dispositivos de enquadramento e dispositivos de justificação a partir dos quais se tem oportunidade de identificar as ressonâncias culturais responsáveis pelos núcleos dos pacotes. Essa é uma perspectiva construcionista e alusiva à cooptação. Isso quer dizer que os estudos baseados nessa corrente pensam os *frames* como uma caixa e ferramentas a ser utilizada pelo cidadão durante o processo cognitivo de formação da sua opinião (GAMSON; MODIGLIANI, 1989; D'ANGELO, 2002). Dizem Gamson e Modigliani que essas ferramentas são essenciais: “por mais dependente que a audiência possa ser do discurso da mídia, ela a usa ativamente para construir significado e não é simplesmente um objeto passivo sobre o qual a mídia faz a sua mágica” (GAMSON; MODIGLIANI, 1989, p. 10)⁷. A influência midiática não é desconsiderada pela dupla, mas sutilmente colocada de modo secundário em detrimento da capacidade de interpretação do indivíduo. Autores como Matthes e Kohring (2008), Scheufele (1999) e Vimieiro e Maia (2011) somam contribuição no detalhamento da perspectiva de análise.

Perspectiva metodológica

A proposta metodológica construída para dar conta deste objeto empírico soma elementos e categorizações da análise de enquadramento (GAMSON; MODIGLIANI, 1989; GAMSON; LASCH, 1980; VIMIEIRO; MAIA, 2011) e da análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Conforme Bardin (2011), os textos são categorizados a partir da classificação e agrupamento dos seus elementos, sistematizando núcleos de sentido que podem oferecer significados. A Análise de Conteúdo é tomada como instrumento para uma primeira organização da observação, permitindo a identificação de padrões no *corpus*.

Conforme sugerem Leal e Antunes (2011), dessa forma, é possível identifi-

⁶Entman (1993), coloca a *frame analysis* como um paradigma fragmentado; passada uma década, D'Angelo (2002) indica outro prisma: um programa de pesquisa multiparadigmático: construcionista, crítico e cognitivo. No primeiro, os jornalistas são percebidos como processadores de informações e criadores de pacotes interpretativos a partir da posição das fontes mais bem investidas politicamente; o segundo reúne trabalhos fundamentados na noção de que os enquadramentos são resultado de rotinas jornalísticas preocupadas em transmitir as informações sob a perspectiva dos valores das elites política e econômica; o terceiro, concentra pesquisas focadas em detectar nos indivíduos os posicionamentos que refletem as posições codificadas nos frames.

⁷No original: “However dependent the audience may be on media discourse, they actively use it to construct meaning and are not simply a passive object on which the media work their magic”.

car as dimensões de um acontecimento não perceptíveis espontaneamente, ou seja, de maneira não-estruturada. Essa organização indica um trabalho de mapeamento das regularidades ou recorrências do texto que acarreta em uma codificação. A codificação proporciona que haja uma aproximação entre os objetos empíricos e os elementos teórico-conceituais orientadores da pesquisa. É desse ponto que se parte para a proposta metodológica: a análise indireta dos enquadramentos de assuntos específicos da mídia com foco nas citações das fontes nos textos do jornal *Zero Hora*.

De acordo com o método de análise, os enquadramentos são desmembrados em elementos que indicam mais que palavras ou temáticas, como também “contextos e sentidos indiretos, os responsáveis por um padrão específico de entendimento acerca de uma temática em um texto midiático” (VIMIEIRO; MAIA, 2011, p. 240), conforme indica a ideia dos pacotes interpretativos (*frame packages*). Por fim, a análise considera que os enquadramentos jornalísticos podem ser influenciados por características socioculturais e organizacionais, isto é, tem variáveis dependentes – as variáveis independentes, ao contrário, consideram apenas o conteúdo textual, de modo restrito e individualizado.

A seleção e a organização do *corpus* foram realizadas a partir de todos os textos publicados em 2015 (de 1º de janeiro a 31 de dezembro) e relacionados à gestão de José Ivo Sartori frente ao governo do Rio Grande do Sul. Foram consideradas duas das quatro editorias de conteúdo do jornal *Zero Hora*: o caderno principal do jornal, que tem o nome de “Notícias”, e uma editoria secundária, nomeada “Sua Vida”. Devido à pouca afinidade com o jornalismo político, as editorias “Esportes” e “Segundo Caderno” não foram incluídas.

A primeira etapa do processo compreendeu um exame visual de todas as edições do ano. A opção por esse tipo de coleta exaustiva se dá porque outras tentativas de seleção (semana composta ou mês composto, por exemplo) demonstraram reduzir substancialmente o *corpus*, bem como excluir eventos importantes ligados ao governo. Selecionados os textos, foram extraídas todas as citações, num total de 1013. Partindo dessas ocorrências, passou-se para a detecção de termos que se relacionassem com a proposta do trabalho, que é a investigação dos enquadramentos da gestão de Sartori no jornal. Dessa forma, a partir dos acontecimentos retratados, tem-se que nem todas as ocorrências podem ser consideradas por não falarem especificamente da gestão iniciada em 2015 e o esforço em classificá-las não responderia ao interesse desta pesquisa. Ainda, para que possa ser considerada, a citação precisa portar um dos dispositivos de enquadramento ou de justificação de Gamson, ou seja, é preciso encontrar marcas textuais (elementos de assinatura) que auxiliem nesse processo. A presente pesquisa é operacionalizada por meio deles:

⁸No original: *The five framing devices are (1) metaphors, (2) exemplars (i.e., historical examples from which lessons are drawn), (3) catchphrases, (4) depictions, and (5) visual images (e.g., icons). The three reasoning devices are (1) roots (i.e., a causal analysis), (2) consequences (i.e., a particular type of effect), and (3) appeals to principle (i.e., a set of moral claims). A package can be summarized in a signature matrix that states the frame, the range of positions, and the eight different types of signature elements that suggest this core in a condensed manner.*

Os cinco dispositivos de enquadramento são: (1) as metáforas, (2) os exemplos (isto é, exemplos históricos a partir dos quais lições são extraídas), (3) os slogans, (4) as representações e (5) as imagens visuais (por exemplo, ícones). Os três dispositivos de justificação são: (1) causas (isto é, uma análise causal), (2) consequências (isto é, um certo tipo de efeito) e (3) apelos ao princípio (isto é, um conjunto de reivindicações morais). Um pacote pode ser resumido em uma matriz de assinatura que indica o enquadramento, a gama de posições e os oito tipos diferentes de elementos de assinatura que sugerem o núcleo de uma maneira condensada (GAMSON; MODIGLIANI, 1989⁸, p. 3).

Obedecendo a essas condições, fazem parte da análise 560 citações, nas quais os dispositivos de enquadramento e de justificação foram verificados 672 vezes.

De acordo com o método, é possível representar de forma condensada diversos posicionamentos que compartilham de um mesmo enquadramento. Nessa linha, cada pacote conta com o que os pesquisadores chamam de assinatura (*signature*), que vai sugerir um enquadramento principal. Então, sob a ótica do *frame*, temos a sugestão de uma ideia central organizadora para compreender os eventos em discussão. Isso quer dizer que não é necessário que as fontes pertençam a um mesmo grupo ou que compartilhem posicionamentos e ideologias para que formatem um mesmo pacote interpretativo. Os pacotes interpretativos, portanto, são produzidos em um processo complexo que envolve interação entre fontes e jornalistas e têm uma ideia organizadora central. Pelo seu uso político, pode-se reconhecer o pacote como um todo, a partir do uso de dispositivos simbólicos e dos elementos característicos que eles condensam (GAMSON; LASCH, 1980).

Há casos em que se verifica a ocorrência de mais de um dispositivo em uma citação, por isso a disparidade entre o número de citações destacadas e o número de vezes em que os dispositivos são acionados. Um exemplo é a citação abaixo. Os dois dispositivos presentes nesse trecho são *apelo a princípios* (1) e *metáfora* (2):

– Tudo indica que seria um caso flagrante de nepotismo. Independentemente disso, em uma perspectiva efetivamente republicana, é o tipo de prática que deve ser afastada do serviço público [1]. Aliás, o atual governo parece por vezes configurar-se como uma ação entre amigos [2]. É caso de exame por parte do Ministério Público – diz Eduardo Carrion, professor titular de direito constitucional da UFRGS e da Fundação Escola (Nomeado e exonerado em poucas horas, Zero Hora, 07/05/2015, p. 12)⁹.

Conforme Gamson e Modigliani (1989, p. 4), os pacotes se mantêm viáveis quando constroem significados ao longo do tempo, incorporando novos eventos dentro dos seus quadros interpretativos e é por isso que os autores caracterizam o seu modelo como um processo de valor adicionado, ou seja, cumulativo, em que o produto final é resultado de a combinação do que foi introduzido a cada fase do processo de elaboração da notícia.

Aprofundando a questão metodológica propriamente dita, a perspectiva hermenêutica busca uma avaliação interpretativa dos textos da mídia, ligando os *frames* a elementos culturais. Essa é a opção adotada porque os enquadramentos, segundo os dispositivos elaborados por Gamson e seus associados, baseiam-se, exatamente, na reprodução de elementos culturais da sociedade através da linguagem. Ao analisá-los, é permitido identificar os enquadramentos que emergem do texto pois os pacotes nem sempre são invocados diretamente dos seus núcleos, isto é, eles podem não ser completamente evidentes em um primeiro momento (GAMSON; LASCH, 1980). Em decorrência disso, por meio do uso político, o pacote é reconhecido a partir de dispositivos simbólicos e seus elementos característicos.

Análise e interpretação dos dados

Considerando o universo de citações e as 674 ocorrências dos dispositivos, contabilizam-se 223 representações, 149 chavões, 91 metáforas, 81 apelos a princípios, 69 exemplos, 39 consequências e 22 origens. A formação dos pacotes interpretativos para a determinação das assinaturas considera os dispositivos de representação para a identificação dos enquadramentos porque esse é o mais recorrente e o que

⁹No primeiro caso, o preceito moral acionado é o da legalidade, neste caso, o decreto estadual que veda o nepotismo no Rio Grande do Sul (Decreto Nº 48.705, de 16 de dezembro 2011). No segundo, a metáfora sugere o governo como uma ação entre amigos e apresenta o significado de uma gestão de membros solidários aos seus pares, com propósitos particulares em primeiro plano.

tem a característica de acionar os temas de modo particular. Depois de separados, os enquadramentos de representação são agrupados por semelhança e isso resulta nos pacotes interpretativos.

Cada representação oferece um enquadramento sobre o governo Sartori. Após serem identificadas, as representações são agrupadas mês a mês. Posteriormente, elas são novamente agrupadas, para fornecer os pacotes do ano. Os enquadramentos são consolidados pela repetição dos seus elementos através do tempo. Por isso, foram considerados todos os pacotes interpretativos formados por cinco ou mais representações, ou seja, aqueles com maior recorrência. O resultado soma 17 pacotes principais com 160 representações (71,75% do total de representações). Os demais contabilizam 33 ocorrências e 63 representações (28,25%).

Tabela 1 – Principais pacotes interpretativos

Pacote	Porcentagem
1. Correto, prudente e responsável	8,07%
2. Ofende, desagrada ou desperta antipatia nos servidores públicos	7,62%
3. Estrategista, técnico e focado na eficiência	5,83%
4. Ataca os servidores públicos; coloca-se contrário aos servidores públicos	5,83%
5. Prejudica os serviços públicos; prejudica a sociedade	4,93%
6. Age com austeridade; adota medidas rigorosas	4,48%
7. É incoerente e contraditório	4,04%
8. Não é transparente; não é preciso; é confuso	4,04%
9. Governo que trabalha; governo que se esforça para cumprir suas obrigações	4,04%
10. Não se define a respeito de questões prioritárias	3,59%
11. É demagogo	3,14%
12. É incapaz de cumprir suas obrigações	3,14%
13. Adota medidas que não prejudicam a população	2,69%
14. É realista e transparente em suas medidas	2,69%
15. É displicente	2,69%
16. Promove a sensação de caos na sociedade	2,69%
17. Não se comunica; não dialoga	2,24%
	71,75%
Outras	28,25%
	TOTAL
	100%

Fonte - elaboração própria

Os pacotes evidenciam a característica de conflito que é estruturante do jornalismo político. O governo é enquadrado, principalmente, de duas formas: positiva e negativa. A seleção das fontes, nesse caso, é a cristalização da máxima jornalística de ouvir os dois lados da história ao retratar acontecimentos. Os dois primeiros pacotes podem ser considerados um exemplo do resultado dessa prática, adotada na intenção de imprimir um ar de igualdade na cobertura.

Os dados confirmam a polarização nos enquadramentos relacionados ao tema no período, com destaque para os enquadramentos negativos ou de contestação ao governo Sartori: são 11, frente aos cinco positivos ou de reforço e um de tom mais neutro. Há uma variação a cada mês, ainda assim, 13 deles são recorrentes em quatro ou mais meses do ano. Conforme os pacotes interpretativos já indicados, dos 71,75% dos enquadramentos trabalhados, 43,95% estão classificados como negativos. O índice sobressai porque demonstra que os enquadramentos negativos atingem quase metade do total da cobertura enquanto os positivos (23,32%) não chegam a alcançar a quarta parte do total. O teor dos enquadramentos é proveniente da dependência que o repórter tem das suas fontes no jornalismo político.

Essa divisão marcada dos *frames* reflete o tipo de fonte mais recorrente em cada pacote. Os quadros mais positivos são patrocinados majoritariamente pelas fontes *oficiais* participantes do governo e, em menor escala, pelas fontes *independen-*

tes ligadas às entidades empresariais gaúchas (entre elas, Federação das Associações Comerciais e de Serviços do Rio Grande do Sul – Federasul; Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul – Fiergs; Programa Gaúcho da Qualidade e da Produtividade – PGQP). No outro extremo, são maioria as fontes *independentes* integrantes de sindicatos e outras entidades de representação de trabalhadores do serviço público (Centro dos professores do Estado do Rio Grande do Sul – Cpers; Sindicato dos Servidores Públicos do Rio Grande do Sul – Sindisepe/RS; Federação Sindical dos Servidores Públicos no Estado do Rio Grande do Sul – Fessergs, por exemplo).

O que se vê não é a dicotomia entre fontes *oficiais* governistas e oposicionistas, mas entre governistas e sindicatos, mais claramente entre o governo e seus servidores. Inclusive, a menor representatividade de fontes *oficiais* de oposição nas representações (14) frente às fontes *independentes* sindicais (43) sugere que a principal disputa política no Estado em 2015 se deu entre a administração pública e o funcionalismo. Havendo duas posições bem demarcadas, *Zero Hora* segue a característica do jornalismo político em manter a narrativa fundamentada no conflito, transpondo para o jornal os complexos embates da esfera política de modo mais simplificado, priorizando dois extremos.

É possível inferir que a escolha das fontes obedece principalmente a duas lógicas. A primeira delas depende do tipo de pauta trabalhada. Noticiar questões ligadas ao governo exige consulta às fontes responsáveis por essa instância, portanto, há personagens que não podem ser ignorados. Durante o período analisado, as informações oficiais se concentraram, basicamente, a partir das falas do governador José Ivo Sartori; do secretário da Fazenda, Giovani Feltes e, menos recorrentes, do secretário-chefe da Casa Civil, Márcio Biolchi e do secretário de Comunicação, Cleber Benvegnú. Os quatro são figuras-chave para o governo, principalmente, considerando a ótica de um Estado em crise econômica, conforme os discursos do jornal e do próprio governo. Para o contraponto, são consultadas outras fontes tidas como autorizadas. Nesse momento, a segunda lógica é mais nítida. Ela indica a preferência de *Zero Hora* por encaixar os representantes sindicais para contrastar com os representantes do governo, ou seja, as fontes consideradas pelo jornal para fazerem frente à instituição governo, também, são legitimadas por instituições, como sindicatos e associações.

Coadjuvantes, os *experts* referendam alguns dos pontos de vista das duas partes, concordando ou discordando dos atos do governo de um ponto de vista técnico. Fontes *oficiosas* têm menor frequência e, muitas vezes anônimas, complementam as notícias, mas são usadas com cautela. Ademais, os depoimentos surgem como testemunhos em casos menos numerosos e mais específicos, quando as matérias repercutem como as estratégias adotadas pelo governo impactam em algumas camadas da sociedade. Sob a ótica de Cook (2011), são participações escassas no tempo e limitadas no alcance. Por exemplo, as dificuldades enfrentadas por famílias quando os salários são parcelados ou o percalço de quem optou por receber o abono de Natal via empréstimo bancário¹⁰, mas não obteve aprovação do crédito.

Para além das palavras, há a questão das imagens. Ainda que seja uma questão interessante, devido ao recorte deste texto priorizar as fontes, restringimos a observação dessa categoria no presente artigo. No caso das fotografias e charges que ilustram as pautas referentes ao governo durante o ano, muitas reproduzem momentos oficiais, como reuniões, discursos e outros eventos políticos programados. Porém, chama a atenção o enfoque para os enquadramentos negativos, a exemplo do que ocorre com as gafes políticas do governador e charges elaboradas para a ilustração de reportagens. Entre os exemplos, está a ilustração que coloca Sartori pisando no Rio Grande do Sul e as fotografias da polícia reprimindo violentamente manifestações de servidores públicos na rua. Ao mesmo tempo, percebe-se que a imagem do governa-

¹⁰Sem dinheiro para pagar o valor integral do abono, o Governo do Estado ofereceu aos servidores e pensionistas do Executivo a possibilidade de contraírem empréstimos junto ao Banrisul (Banco do Estado do Rio Grande do Sul) para o saque total do valor ou de receberem o décimo terceiro parcelado nos meses subsequentes. Em um primeiro momento, a instituição financeira negou o financiamento a uma série de pessoas com os nomes listados em serviços de proteção ao crédito ou em litígio judicial com o banco.

dor aparece menos em momentos mais críticos da política estadual. Aparentemente, há uma tentativa de equilibrar a espontaneidade excêntrica do governador com a demonstração de trabalho a partir da sua equipe.

Considerações finais

A aplicação do método de análise nas reportagens publicadas em Zero Hora em 2015 indicou 17 principais enquadramentos textuais do primeiro ano de gestão do governo de José Ivo Sartori no Rio Grande do Sul. Reunidos em pacotes interpretativos, eles representam as sínteses dos enquadramentos encontrados nos textos e evidenciam os valores a respeito da gestão oferecidos pelas fontes e, sobretudo, pelo jornal. Cada assinatura que nomeia os pacotes teve origem nas representações encontradas nas citações diretas das fontes nas matérias. Os enquadramentos também surgem como o destaque dos principais aspectos de uma história apresentada no formato de capítulos (as matérias) cujo enredo trata basicamente das dificuldades financeiras gaúchas.

Entende-se que o peso dado às fontes provém, em parte, da necessidade do campo jornalístico em atender às demandas das suas rotinas, estruturadas em um *habitus* específico. Essa necessidade exerce uma pressão sobre o processo e determina os protagonistas das narrativas que dão o tom dos enquadramentos para além das fontes *oficiais*. Portanto, uma determinada fonte se consolida pelo papel que ela desempenha na sociedade, pelo capital simbólico derivado desse papel e pela credibilidade perante o jornalista, que pode contar com a disponibilidade e com a informação de um patrocinador que proporciona dados confiáveis dentro do prazo que exige o jornalismo diário.

Considerando a característica de disputa do jornalismo político e a tendência de construir as narrativas com os acontecimentos polarizados, conforme demonstrado nos enquadramentos, nota-se o foco de dois principais grupos de agentes: os que tendem à defesa e à conservação das medidas do governo e os que buscam subverter os atos do Executivo. Dessa forma, pode-se afirmar que o campo jornalístico atua politicamente quando coloca em evidência algumas das disputas do campo político frente outras. Na prática, a repetição faz a presença recorrente de algumas fontes tão natural quanto os enquadramentos que tomam forma dia após dia.

Por fim, percebe-se que o jornalismo de *Zero Hora* sobre o governo Sartori ofereceu aos seus leitores, em 2015, uma inclinação à contestação da gestão. Isso, considerando os enquadramentos encontrados no decorrer do ano indicados a partir das fontes. Sobretudo, demonstrou-se a variação de aplicação de um método de pesquisa na área de estudos de mídia e política, reforçando o papel da fonte jornalística.

Além da indicação dos enquadramentos e da polarização, o método possibilitou a percepção da homogeneidade e a tendência ao fechamento da cobertura política. Diz-se isso porque os tipos de fontes priorizados demonstraram a preferência dos jornalistas por grupos políticos (principalmente governistas) e por grupos de contestação organizados de forma similar à estrutura de partidos políticos (sindicatos e associações). Assim, ao encontro da teoria dos campos de Bourdieu, a pesquisa de enquadramentos demonstrou que os *frames* são indicados, majoritariamente, por fontes dotadas de forte capital simbólico no campo político, mantendo restrito o acesso de outros tipos de fontes, ainda que sejam diretamente impactadas pelas ações deste campo.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BONNEWITZ, P. **Primeiras Lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOURDIEU, P. O campo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**. Brasília, nº 5, janeiro-julho, 2011.
- _____. **O poder simbólico**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- _____. L'emprise du journalisme. In: **Actes de la recherche em sciences sociales**. Vol. 101-102, p. 3-9, mars 1994.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2015a.
- COOK, T. E. O jornalismo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**. Brasília, nº 6, julho/ dezembro, 2011.
- D'ANGELO, P. News framing as a multiparadigmatic research program: A response to Entman. **Journal of Communication**, 52(4), p. 870-888, 2002.
- ENTMAN, R. M. Framing: Toward Clarification of Fractured Paradigm. **Journal of Communication**, 43(4): 51-58, 1993.
- GAMSON, W. A.; LASCH, K. E. The political Culture of Social Welfare Policy. **Pinhas Sapir International Conference on Development – Social Policy Evaluation: Health, Education and Welfare**. Israel, 1980.
- GAMSON, W. A.; MODIGLIANI, A. Media discourse and public opinion on nuclear power: a constructionist approach. **American Journal of Sociology**, v. 95, p. 1-37, 1989.
- GITLIN, T. **The whole world is watching: mass media in the making & unmaking of the new left**. Berkeley, University of California Press, 327p. 1980.
- GOFFMAN, E. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- LEAL, B. S.; ANTUNES, E. O acontecimento como conteúdo: limites e implicações de uma metodologia. In: LEAL, B. S.; ANTUNES, E.; VAZ, P. B. (org.). **Jornalismo e Acontecimento: percursos metodológicos**. Volume 2. Florianópolis: Insular, 2011.
- MATTHES, J.; KOHRING, M. The content analysis of media frames: Toward Improving reliability and validity. **Journal of Communication**, v. 58, n. 2, p. 258-279, 2008.

MCLEOD, D. M.; DETENBER, B. H. Framing Effects of Television News Coverage of Social Protest. **Journal of Communication**, v. 49, n. 3 p. 3-23 Summer, 1999.

MIGUEL, L. F. Os meios de comunicação e a prática política. **Lua Nova**, n. 55-56, 2002.

MOTTA, L. G.; GUAZINA, L. S. O conflito como categoria estruturante da narrativa política: o caso do Jornal Nacional. **Brazilian Journalism Research**, v. 6, n. 1, 2010.

PORTO, M. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, A. (org.). **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. Salvador. EDUFBA, 2004. p. 73-104.

RODRIGUES, C. M. Enquadramentos jornalísticos do Governo Sartori: a seleção das fontes em Zero Hora. **Dissertação (Mestrado em Comunicação)**. Universidade Federal de Santa Maria, 2017.

SANTOS, R. **A negociação entre jornalistas e fontes**. Coimbra: Minerva, 2003.

SCHEUFELE, D. A. Framing as a theory of media effects. **Journal of Communication**, New York, v. 49, n. 1, p 103-122, mar. 1999.

TUCHMAN, G. Contando histórias. 1976. In: TRAQUINA, N. **Jornalismo – questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

TUCHMAN, G. **Making News**, New York: The Free Press, 1978.

VIMIEIRO, A. C.; MAIA, R. C. M. Análise indireta de enquadramentos da mídia: uma alternativa metodológica de frames culturais. **Revista Famecos**. Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 235-252, jan./abr. 2011.